

DELOCUTIVOS NÓS TAMBÉM TEMOS, FALÔ?

Rodolfo Ilari (UNICAMP)

Esta comunicação será brevíssima. Em resumo, pretendo fazer três coisas: 1) registrar um fato que parece contrariar o uso corrente de um verbo dos mais freqüentes e o sentido habitual dos morfemas de pessoa; 2) apresentar uma sugestão de explicação e 3) apontar uma referência bibliográfica que pode ser útil para situar o problema e a proposta de solução.

1. Em certos registros do Português falado é possível um diálogo como

(1) A - A bebida fica por sua conta, falou?

B - Falou!

Indiscutivelmente correto no seu registro, esse diálogo apresenta uma anomalia quando referido ao uso normal das pessoas gramaticais, exemplificado em diálogos como (2), (3) ou (4):

(2) A - O Pedro mudou de casa, sacou?

B - Saquei (* Sacou)

(3) A - Não quero mais ver você aqui, deu para entender?

B - Deu (*dei)

(4) A - O Pedro veio?

B - Veio (*vim)

É evidente que o par pergunta-resposta tal como parece em (1) não se assemelha a nenhum dos pares "normais" (2)-(4): (2) difere de (1) porquanto à 2a. pessoa-você da pergunta faz corresponder a 1a. pessoa-eu da resposta; (3) e (1) são distintos porque em (3) temos uma terceira pessoa, correspondente ao uso da construção unipessoal; em (1), mais evidentemente em (1-B) temos, ao contrário um caso de 2a. pessoa-você; pelas mesmas razões, devem manter-se distintos (1) e (4): em (4) temos uma autêntica terceira pessoa, consequência clara do fato de que o diálogo diz respeito a um indivíduo (José) que não está participando do próprio diálogo.

Uma outra maneira de expressar nosso desconcertamento em relação ao diálogo (1) é constatar que a primeira ocorrência de "falou", no turno de A, parece

referir-se à fala anterior do próprio A: seria de esperar, então "falei", e a presença do morfema de terceira pessoa coloca-nos por assim dizer diante de um dilema em que todas as alternativas são indesejáveis: ou admitimos que os morfemas de pessoa perderam seu valor habitual, ou admitimos que o verbo falar precisa receber uma interpretação completamente estranha, ou ambos.

2. Penso contudo que ganharemos em generalidade em nossa descrição se, ao contrário daquela conclusão indesejável, conseguirmos reconstruir o uso aberrante de "falou" de modo a enquadrá-lo nos usos habituais dos morfemas de pessoa, e numa interpretação habitual do próprio verbo falar. Vamos tentar.

A última edição do Dicionário da Língua Portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda cita, entre outras acepções para "falar".

(5) Bras.Gír. Dar a palavra definitiva. "O homem falou, está falado."

É esta, entre todas as acepções registradas no último Aurélio, a que mais se aproxima dos usos tipicamente informais exemplificados em

(6) A - ...

B - Falou, bicho!

(7) A - ...

B - Falou, meu!

Mas os verbos de (6) e (7), à diferença do exemplo do Aurélio (em (5)), são apenas aparentemente intransitivos: na realidade, as fórmulas de (6) e (7) se referem sempre, implicitamente, ao turno anterior; há nelas um quê de dêixis e um quê de performatividade, e sua melhor paráfrase não é

(6') Bicho, você deu a palavra definitiva (alguma vez na vida), mas

(6'') Bicho, aquilo que você acaba de dizer é a palavra definitiva.

Ou seja: vagamente relacionado com a definição (5) do Dicionário de Aurélio Buarque, reencontramos aqui um velho recurso para marcar assentimento: o que consiste em incorporar o turno anterior como complemento elíptico de um verbo de dizer: compare-se

(8) A - O céu é azul?

B - Tu o disseste.

Não é difícil enquadrar nessa velha forma de indicar assentimento os usos de "falou" como resposta, nos turnos B de (1), (6) e (7); com base nesses usos, é que se explica, a meu ver, a ocorrência de "falou" como pergunta (turno A de (1)), segundo estas linhas:

a) A ocorrência de "falou" nas respostas é regular do ponto de vista dos padrões gramaticais, interpreta-se num sentido bem estabelecido do verbo falar, e é anterior à ocorrência em perguntas. Por anterioridade, entendo aqui que o uso de "falou" nas respostas precisava estar fortemente estabelecido para que o uso como pergunta pudesse surgir; quero sugerir além disso que o uso como pergunta só se torna compreensível a partir do uso na resposta.

b) Na economia do diálogo, o "falou" da pergunta supõe que seja possível o falou da resposta: na realidade, antecipa-o, induzindo a ele o interlocutor. Para esclarecer o que entendo por antecipação, observo que uma antecipação análoga ocorre com o advérbio "certo" no turno A do diálogo (9):

(9) A - A Mariazinha nunca foi de briga, certo?

B - Certo!

É claro que o interlocutor A não usa o advérbio "certo" para perguntar se Mariazinha tem ou não um temperamento pacífico: ele sabe disso, e não está pedindo uma resposta a B para aumentar sua própria convicção, mas como um meio de obter um endosso explícito para sua tese, de modo que a paráfrase mais correta para (9) não é (9a)

(9a) A - A Mariazinha é de paz, sim ou não?

B - Sim, é.

mas (9b)

(9b) A - A Mariazinha é de paz, não é?

B - É.

ou melhor ainda (9c)

(9c) A - Reconheça como acertada a minha afirmação de que a Mariazinha é de paz. Para isso, diga "certo"

B - Digo "certo", o que, no presente contexto, significa reconhecer como acertada sua afirmação de que a Mariazinha é de paz.

Tomando por molde essa última paráfrase, podemos reconstruir (1) como (10):

(10) A - A bebida fica por sua conta. Endosse essa decisão dizendo "falou".

B - Digo "falou", o que no presente contexto significa endossar a decisão de que a bebida fica por minha conta.

A paráfrase (10) deveria tornar mais claro o processo que chamei de "antecipação": trata-se de um processo pelo qual o locutor A propõe ao seu interlocutor B formas de completar etapas do diálogo de um modo particular, no qual o próprio A tem interesse; deveria também ficar claro que um dos aspectos dessa antecipação

consiste em citar (no sentido técnico do termo) a expressão que se espera que o interlocutor usará no próximo turno, um pouco à maneira do computador que, em determinados momentos de sua operação propõe ao usuário instruções do tipo "para retroceder uma tela tecle D", "para retornar à edição, tecle R", "para sair tecle T".

É nessa distinção entre uso e citação que reside a meu ver a explicação da anomalia morfológica da pergunta. É verdade que a pergunta "falou?" de A, em (1) diz respeito de algum modo ao conteúdo de sua própria fala, mas o locutor A não está interessado em que confirmem o fato de que ele falou (ele sabe que falou, ressalvados os casos de débeis mentais e de stress), ele está de fato eliciando uma declaração de consentimento de seu interlocutor, e para tanto lhe fornece, numa espécie de "citação antecipada" a fórmula pronta: daí o tom interrogativo e a 2a. pessoa você, ao invés da primeira pessoa eu.

3. Se estas especulações sobre o diálogo (1) estão corretas, então o grande capítulo em que ele deve ser enquadrado não é o das anomalias morfológicas, mas o da criação de fórmulas ligadas ao desenvolvimento do diálogo, e talvez o da criação de novos segmentos do léxico, por derivação, imprópria, via citação. Nessa classe enquadram-se, com grau maior ou menor de lexicalização, as expressões grifadas dos exemplos que seguem:

- (11) Ela estava usando uma roupa muito cheguei.
Vamos deixar de entretantos e passar aos finalmentes.
Aí foi uma conversa de cornos e safada para cima.
Era um tal de meu querido para cá, minha querida para lá.
Já já dou um dá ou desce nesse sujeitinho.

Note-se que em todas essas expressões se evocam implicitamente outros diálogos, que são por sua vez momentos de histórias mais ou menos fixadas por tradição.

Neste ponto, cabe dizer que a criação de fórmulas via citação não é um fato raro. Benveniste, profundo conhecedor da língua latina, observa que o verbo salutare, derivado do radical de "salus" mais as desinências da primeira conjugação, deveria significar algo como "tornar saudável", ou mesmo "curar", e não poderia ter assumido historicamente o sentido que lhe era próprio em latim clássico (que é o mesmo dos derivados românicos "saudar", "saludar", "saluer", "salutare" etc.) salvo por algum acidente notável de percurso. Para passar da idéia de bem-estar físico, à idéia de saudação é preciso reconhecer uma etapa intermediária em que as pessoas se saúdam trocando votos de saúde, pronunciando a palavra saúde. Há, em outras palavras, um momento em que "salutem" de "salutem dicere" é a palavra "salutem", pronunciada como parte de uma fórmula ritualizada de saudação, e não mais a palavra que se usa correntemente para falar do bem estar físico. Benveniste enumera exemplos desse processo de enriquecimento lexical, e cria, para os verbos originados de nomes, via uso e interpretação formulaica destes, o nome de "verbos delocutivos".

Se minhas observações são corretas, a delocutividade não se limita à derivação de verbos a partir de nomes, não afeta apenas a significação das expressões mas também sua forma gramatical. O caso de "falou" parece-me muito ilustrativo a esse respeito. Se é representativo de uma classe ampla de fenômenos, ou não, diga-o quem quiser.